

Título	Noites Brancas	Autor	Lorenzo Mammì
Data	2002	Artista	Nuno Ramos
Publicação	MAMMI, Lorenzo. <i>Nuno Ramos: Noites Brancas</i> . Curitiba: Editora Casa da Imagem, 2002.		

Noites Brancas

O estilo já não é necessário. Deixou de ser óbvio que o trabalho de um artista seja uma unidade. Certamente, todo artista tem uma história, como todo mundo, mas não ficou claro se é ainda inevitável que a história de uma artista faça sentido. A ideia de que um sentido haja está por trás de muitos hábitos que ainda mantemos. Por exemplo, o hábito de organizar retrospectivas. De fato, é a partir da primeira retrospectiva que a produção de um artista começa a ser vista como sua obra.

A primeira retrospectiva de Nuno Ramos aconteceu no Centro Hélio Oiticica do Rio de Janeiro e no Museu de Arte Moderna de São Paulo, entre 1999 e 2000, e foi justamente nesse momento que o problema, se não da unidade, pelo menos da continuidade de sua obra começou a se colocar com força. Não era uma questão que surgisse de fora para dentro: a reunião de trabalhos de natureza e época diferentes obrigava-nos a levantá-la. Por um lado, nada parecia tão refratário à unidade quanto aquele conjunto disparatado de coisas. Por outro, o diálogo entre os trabalhos era às vezes tão intenso que parecia necessário pressupor atrás deles uma filosofia, ou uma mitologia geral, que nunca chegava a ser explicitada, e que talvez nem sequer fosse consciente.

Perante essa dificuldade, várias direções podiam ser tomadas. A primeira era escolher como mínimo denominador comum a sensação de acúmulo, de fartura transbordando – apontar, em outras palavras, para o “barroco”. Esse caminho possui a vantagem de responder à primeira impressão, que em arte é um elemento fundamental de verdade. Mas carrega o perigo de uma teatralização excessiva, a partir daí que o trabalho tem de mais escandaloso. Acredito que a acumulação, na obra de Nuno Ramos, seja consequência necessária de um procedimento, e não uma qualidade primária, um objetivo, um signo. Prova disso é que muitas de suas obras recentes revelam enxugamento de recursos, sem comportar uma virada fundamental em sua poética. Refiro-me em particular às *Noites Brancas* (1998-1999), aos *Vasos Ruins* (1998), aos *Fungos* (1998), às esculturas em mármore *Sem Título* (1998), às duas versões dos *Cascos (Shackleton)* (1999-2000), a *Black and Blue* (2000), realizado em San Diego, a *Minuano* (2000). Todas elas têm contornos, num grau mais definido do que no passado. Todas apontam para um certo silêncio, fecham-se em si mesmas. E no entanto dialogam de maneira mais imediata com o entorno – com os móveis, o chão, as paredes ou a paisagem – como se tivessem renunciado a atraí-los a si, transformando-os em espaço da obra, e se contentassem com uma existência parasitária, nos interstícios de lugares banais. De modo geral, o trabalho de Nuno Ramos como um todo parece estar passando por uma fase de retração, em busca de núcleos ou razões geradoras que lhe sustentem a superfície multiforme e aparentemente eclética.

Este livro, concebido pelo artista, parece-me nascer do movimento centrípeto de seu trabalho recente. Enfoca, com poucas exceções, obras sobre papel e trabalhos efêmeros, como as duas *Mares* (2000-2001), ou longínquos e intransportáveis, como *Minuano* (2000). Obras efêmeras, land art e desenhos têm

Título	Noites Brancas	Autor	Lorenzo Mammì
Data	2002	Artista	Nuno Ramos
Publicação	MAMMI, Lorenzo. <i>Nuno Ramos: Noites Brancas</i> . Curitiba: Editora Casa da Imagem, 2002.		

isso em comum: acenam sempre a um momento preciso, aquele em que foram feitos, vistos ou registrados, e não é possível separá-los dele. São memórias e promessas de experiências, relatos. Um livro que mostre esse tipo de obra tem necessariamente um caráter mais confidencial. Nesse sentido, este volume é oposto e complementar ao catálogo da mostra de 1999-2000, que marcava um momento de expansão.

Sem dúvida, os trabalhos de Nuno Ramos continuam retirando seu sentido da superfície. Neles, o interior só existe enquanto transborda. Não há razão, aí, que não seja imediatamente sensual. Mas é justamente essa identidade de sensação e sentido – o fato, em outras palavras, das obras não remeterem a nada que não esteja aqui e agora, mesmo quando, paradoxalmente, fazem recurso à alegoria – é isso justamente que justifica a hipótese que tentarei defender neste texto: que é possível uma análise formal da obra de Nuno Ramos – e formal em sentido forte: baseada na tradição formalista do Modernismo; que sua arte nasce da impossibilidade de levar adiante a linguagem moderna, ao mesmo tempo em que essa linguagem permanece como horizonte; e que, finalmente, a noção de forma está tanto mais presente nestes trabalhos, quanto mais é desafiada.

No catálogo da retrospectiva de 1999-2000, Alberto Tassinari salientava como característica da obra de Nuno Ramos a tentativa de unificar ostensivamente elementos irredutíveis um ao outro¹. Com isso, chegou muito perto da questão que pretendo salientar aqui. No entanto, as partes que compõem os trabalhos de Nuno Ramos não são diferentes entre si da mesma forma em que o são, digamos, os elementos de uma colagem de Rauschenberg. A diferença não é dada de antemão, graças a uma codificação que a obra tenha em comum com o mundo. As coisas, aqui, não têm nome: sua individualidade surge dentro da obra, junto com sua diferenciação e fusão. É nisso, em primeiro lugar, que é mantida uma parcela da utopia moderna: a de fundar as unidades da linguagem na própria operação linguística, e não anteriormente a ela – muito embora o processo de individuação, em Nuno Ramos, seja sempre bloqueado no meio do caminho, antes que cada elemento se isole definitivamente dos outros. É possível, portanto, indagar como uma diferenciação tão precária é construída. E assumir preliminarmente a hipótese (que certamente deverá ser aprimorada) de que essas obras falam essencialmente da impossibilidade de separar e de reunir.

¹ TASSINARI, NAVES, MAMMI, Nuno Ramos, São Paulo, Ática, 1997.